ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO: APONTAMENTOS ENTRE MALINOWISKI E PAULO FREIRE

Eric Carlos de Mari

(Especialização em Ensino de Sociologia - Universidade Estadual de Londrina)

Palavras-chave: Antropologia – Antropologia e Educação – Antropologia da Educação

APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta alguns apontamentos entre Bronislaw Malinowiski (1884 - 1942) e Paulo Freire (1921- 1997) através de antropologia e sua construção como reflexão a respeito da educação. Por questões didáticas e de organização concebemos este trabalho em quatro etapas. A primeira sobre a antropologia da educação, onde serão expostas idéias recentes desta "nova" área de conhecimento, ou seja, alguns princípios explicativos de uma antropologia da educação. Na segunda parte será dado ênfase à alguns pontos do livro "Argonautas do Pacífico Ocidental" de Malinowiski, na intenção de encontrar elementos da noção de educação para este antropólogo, analisando brevemente o valor do "estranhamento" antropológico, que se apresenta na importância dessa obra como preceito fundamental para a construção da antropologia. Posteriormente na terceira parte, focar a atenção em algumas questões da obra "Pedagogia da Autonomia" de Paulo Freire, pressupondo ser este, um dos livros que apresenta a essência do pensamento desse importante pensador brasileiro, observando algumas das principais idéias de seu texto e expondo algumas discussões específicas, tais como a pedagogia junto ao compromisso social, ou seja, de como a ideologia pedagógica pode exercer mudança na sociedade; expondo conceitos como ensino e aprendizagem através de uma perspectiva da construção do saber pelo professor e pelo aluno. Na parte final do trabalho haverá uma tentativa de aproximação dos dois autores através da relação que a antropologia faz com a educação, apresentando como acesso a essa ponte, trabalhos de pesquisadores brasileiros na área da antropologia da educação, onde alguns deles se localizam como pesquisadores em algumas universidades brasileiras.

1 INTRODUÇÃO

É no respeito e na relação de equilíbrio com a alteridade que alguns autores brasileiros estão centrando suas pesquisas no intuito de uma antropologia da educação, como Neusa Maria Mendes de Gusmão, Maurício Rodrigues de Souza, Ana Lúcia Valente e Ana Luiza Carvalho da Rocha entre outros, os quais estabelecem o desafio de uma discussão sobre o respeito à diversidade cultural na escola, problematizando assim a escola contemporânea e capitalista como uma instituição a serviço das idéias capitalistas e homogeneizadoras num contexto de enorme diversidade cultural, tanto em outros países, como no Brasil. A relação entre as áreas de conhecimento da antropologia e educação ainda é pouco explorada pelo âmbito acadêmico brasileiro, apesar do que o diálogo entre a antropologia e a educação remete-se a uma antiga e muito importante questão a respeito do homem e seu processo de aprendizagem. No Brasil, foi a partir da década de 80 do século XX que se começou a pensar que entre a antropologia e a educação poderia ser construído um importante diálogo científico e cultural[1].

No Brasil, um dos principais pesquisadores quando o assunto é antropologia e educação, é a Profª Neusa Maria Mendes de Gusmão, que trata da importância do diálogo entre essas áreas e nos mostra em seus textos que, na passagem do século XIX para o século XX, é que se começou, com a antropologia norte-americana, a ter uma noção de que os estudos antropológicos relacionados à Educação poderiam contribuir enormemente para um alargamento na perspectiva educacional. A partir desse diálogo pôde-se afirmar que cultura e educação estão extremamente ligadas e que se constroem juntas no interior da sociedade.

Embora pensamentos e conceitos usados na construção do conhecimento antropológico e educacional foram construídos desde a antigüidade, a relação mais

[1] Texto da prof ª Valente, onde ela indica uma mínima revisão a respeito dos valores e dos conceitos clássicos da Antropologia, colocando ênfase na interdependência da teoria e da prática antropológica que norteiam uma pesquisa e que se difere da visão do senso comum, ou seja, uma percepção de estranhamentos a respeito da realidade social que possibilite uma compreensão crítica. VALENTE, Ana Lúcia. Conhecimentos antropológicos nos parâmetros curriculares nacionais: para uma discussão sobre a pluralidadecultural. In: GUSMÃO, Neusa M. (Org.). Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003. p. 17-46.

específica entre essas áreas do conhecimento, aconteceu na virada do século XIX para o século XX. Em um momento posterior, na primeira metade do século XX, Franz Boas (1858-1942), um pensador clássico da antropologia, juntamente com seus discípulos Ruth Benedict (1887- 1948) e Margareth Mead (1901-1978), possibilitaram o surgimento de reflexão a respeito da pedagogia que se aplicava na sociedade moderna, principalmente na sociedade norte americana, estabelecendo uma forte crítica em relação aos valores liberais econômicos impostos através da educação.

> Boas será um crítico atuante diante do sistema educativo americano, denunciando, entre outras coisas, a ideologia que lhe serve de base, centrada na idéia de liberdade, e sua prática educativa de cunho conformista e coercitivo, visando criar sujeitos sociais adequados ao sistema produtivo segundo um modelo ideologizado de cidadão. Demonstra, através de estudos diretos obtidos no campo educacional, que a escola inexiste como instituição independente e, como tal, não possibilita independência e autonomia dos sujeitos que aí estão. A meta da escola centra-se num aluno-modelo que desconsidera a diversidade da comunidade escolar e, para contê-la, atua de forma autoritária. (Gusmão, 1997, p. 15)

A escola moderna cada vez mais distancia o sujeito social de uma reflexão em relação à realidade e à sua própria existência enquanto membro da sociedade e faz com que a ideologia de mercado seja cada vez mais perpetuada, de modo que o indivíduo seja construído para a realização ideológica consumista pautada na sociedade capitalista "livre". No contexto ideológico consumista não existe espaço para o sujeito social, que pressupõe sua participação na sociedade, seja construído com recursos que permitam a reflexão de seu próprio contexto.

Considerando a antropologia e a educação como instrumentos de reflexão da sociedade moderna e deixados expostos alguns pressupostos da relação entre antropologia e educação, podemos nos voltar à exposição que este trabalho propõe, ou seja, a exposição a cerca de alguns apontamentos de um clássico na antropologia como Bronislaw Malinowiski e um pensador clássico na área da Educação como Paulo Freire, no intuito de construirmos possíveis reflexões em sobre o surgimento de uma relação e do surgimento de uma reflexão

da educação através de olhos antropológicos. Como estabelecer um diálogo entre esses autores?

Inevitavelmente, de início temos que considerá-los de grande importância para a sociedade moderna como um todo, considerando Malinowski e Paulo Freire como seres humanos que tiveram a capacidade de construir pensamentos e conceitos que possibilitaram mudanças e reflexões sociais. Portanto, podemos partir de que eles contribuíram enormemente para a construção de uma consciência social, sendo que ambos, a partir de suas experiências individuais, puderam ter contato com diferentes modos de pensar a vida em sociedade, ainda que em épocas diferentes e cada qual no seu contexto. Em seguida podemos destacar que ambos pensadores expressavam uma consideração muito importante a respeito da realidade do "outro", que também vive e sobrevive na realidade social, respeito este, que é condição necessária para a construção do conhecimento humano.

2 ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA REFERÊNCIA TEÓRICA

Na impossibilidade de abarcar a obra de Malinowiski em sua totalidade, estaremos atrelados à seguinte questão: ao como Malinowiski se refere à educação antropológica do pesquisador/professor e de como pode ser rica a contribuição deste para com a própria sociedade. Ciente de que Malinowiski não trata especificamente deste assunto sobre a educação, devemos considerar este tema proposto compreendido no interior de um conjunto de saberes antropológicos tratados pelo autor. No começo do livro "Argonautas do Pácífico Ocidental", Malinowiski expõe algumas idéias de cunho metodológico, que possibilitaram à antropologia um caráter mais coerente com sua utilidade científica, teórica e prática. Malinowiski foi precedido por uma moda "evolucionista" que, em sua época, generalizava as classificações das sociedades impondo uma teoria etnocêntrica, onde os teóricos europeus se caracterizavam e caracterizavam sua sociedade como mais evoluída em relação às outras sociedades. Malinowiski refletiu sobre essas teorias e as considerava sem uma coerência de base empírica, pois vislumbrava em

suas pesquisas que o pensamento etnocêntrico não poderia ser aplicado para o estudo de outras sociedades e na realidade social.

Na construção de uma antropologia mais reflexiva e no desenrolar da construção propriamente dita da disciplina, foram de fundamental importância os escritos de Malinowiski, e este livro, "Argonautas do Pacífico Ocidental", um marco na história da disciplina, que possibilitou o desvio do modismo "evolucionista" da época, passando a poder existir um respeito para com o "outro", sem colocar em primeira mão um julgamento etnocêntrico. Seguindo essas novas idéias tão ricas para a antropologia e para a sociedade moderna, esse importante autor não negou sua humanidade, pois considerava também que, por detrás de toda teoria e especulações a respeito do conhecimento humano, estava um ser humano, uma pessoa que também tinha suas dificuldades humanas e suas inevitáveis angústias enquanto ser preocupado com o mundo e consigo mesmo, explorando também em suas reflexões o caráter da subjetividade. No pensamento de Malinowiski é clara e bem definida a coerência argumentativa segundo a qual a validade da pesquisa em ciências humanas não pode se valer apenas de análises quantitativas ou meramente objetivas, pois se o fizesse, perder-se-ia a coerência com a realidade social, perdendo-se assim a possibilidade de uma mínima compreensão dos fenômenos e das práticas sociais. Portanto, a importância deste pensamento sobre a constatação de elementos subjetivos presentes naquele que atua na pesquisa, tanto da antropologia em particular, como das ciências humanas em geral, tornou-se indispensável. Malinowiski chamava esse "elemento subjetivo", do qual não é possível encontrar em questionários ou dados objetivos, de "imponderáveis da vida real", ou seja, considerava-o um elemento que dá sentido à própria pratica social. Além da consideração de alguns elementos indispensáveis para pensarmos a realidade, esse pensador clássico da antropologia nos passa uma mensagem muito importante: a de que não devemos encerrar em si mesmas as relações sociais, mas sim que estas nos sirvam como meio pelo qual possamos nos situar no contexto social e histórico, para que não sejamos "neutros" no que diz respeito à realidade social. Ou seja, é preciso pensar em um sistema educacional que possibilite ao sujeito se situar no tempo e no espaço como um ser que está inserido no mundo e na realidade, possibilitando o surgimento de reflexão para com a vida, e para a luta por uma sociedade mais justa.

> Afinal: Ao captar a visão essencial dos outros [...] estamos contribuindo para alargar a nossa própria visão. Não podemos chegar à sabedoria final socrática de conhecer-nos a nós mesmos se nunca deixarmos os estreitos limites dos costumes, crenças e preconceitos em que todo homem nasceu. (Malinowski, 1976, p. 374)

Assim, como fundamento do pensamento de Malinowiski, existe uma idéia essencial de respeito ao outro – respeito á alteridade. Desse modo, é inevitável incluirmos o pensador brasileiro Paulo Freire nessa mesma perspectiva de respeito à alteridade, pois assim como Malinowiski, ele rompeu barreiras e lutou por uma vida social mais justa para todos, e em seu caminho navegou por mares nunca dantes navegados no que tange o respeito ao outro e o engajamento social.

3 OLHOS DE ANTROPÓLOGO E SENSIBILIDADE DE EDUCADOR: APONTAMENTOS DE PAULO FREIRE E A "PEDAGOGIA DA AUTONOMIA"

> A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativa-progressista em favor da autonomia do ser dos educandos é temática central em torno de que gira este texto. (Freire, 2006, p.13)

Com a consideração em relação ao conhecimento adquirido pelos seres humanos não necessariamente em uma instituição de ensino, Paulo Freire, inevitavelmente em conseqüência de uma valorização em relação ao saber comunitário, constrói um pensamento voltado para a mudança de paradigmas estabelecidos autoritariamente pela sociedade moderna capitalista, em que se torna uma necessidade revisar a imposição hierárquica do conhecimento, estabelecendo-se novos paradigmas sobre ensinar e aprender. Para Paulo Freire, o que se constituiria como um processo de construção de conhecimento estaria dado na relação educacional em conjunto com o saber comunitário, criando-se possibilidades de autonomia para ambos os sujeitos, professor e aluno, na relação com o conhecimento, onde: "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender"

(p.23). Embora se construa um pensamento para o respeito do saber comunitário, isso não implica em uma desorientação em relação aos saberes científicos, mas sim que exista um equilíbrio nas relações entre esses saberes, para que assim surja a possibilidade da existência de um rumo para uma sociedade mais humana e reflexiva.

> Proponho que encaremos de frente o perigo de estarmos praticando um verdadeiro apartheid neuronal em relação ao potencial cognitivo dos aprendentes (alunos/as) enquanto não colocarmos no centro da nossa visão pedagógica as experiências de aprendizagem enquanto tais, e não apenas a melhoria do ensino enquanto transmissão instrucional de saberes supostamente já prontos.[2] (Assmann, 1998, p. 19).

Para o contexto freiriano devemos coerentemente considerar o ser humano em sua capacidade de pensamento, ou seja, considerá-lo como um ser reflexivo, produtor e criativo, que está dentro do contexto social moderno capitalista, onde a imposição da ideologia desse contexto se faz presente nas instituições de ensino e também na formação dos professores. Lutar para que exista um compromisso com a melhoria de vida social é também colocar questões a cerca dessa formação docente voltada quase que exclusivamente para a lógica do mercado capitalista. Por isso, Paulo Freire expõe a importância de uma revisão nos conceitos de ensinar e aprender. A questão fundamental, não é lutar objetivamente contra uma força maior que move a sociedade, mas sim lutar por uma conscientização social, já que se pressupõe a existência de uma sociedade organizada fundada nas bases de um possível direito humano. Apesar da existência de uma mínima organização social nos países subdesenvolvidos como o Brasil, a exclusão social faz com que as potencialidades do ser humano sejam esquecidas e deixadas a esmo. Se o intuito de vivermos em sociedade é o bem estar das pessoas, em âmbitos gerais, que fazem parte desse pacto social tácito, devemos repensar as bases da nossa sociedade moderna, vista que essa não atende os interesses gerais sociais, mas sim ao interesse de uma desumanização,

---

[2] *ASSMANN, Hugo. Metáforas novas para reencantar a educação:epistemologia e didática. 2. ed. Piracicaba: Editora UNIMEP,1998.*

conferindo ao homem um aspecto de coisa[3]. Nunca se viu tão claro, como atualmente, a

[3] Eu, etiqueta
Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório
um nome ... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida
Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam do produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.
meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
meu corpo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escrevo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda
É doce estar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso dos outros, tão mim-mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio,
ora vulgar ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente).
E nisto me comprazo, tiro glória
de minha anulação
Não sou - vê lá - anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgula piscinas,
bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência

mercantilização dos seres humanos. Assim, a escola, conseqüentemente aliada ao contexto mercantil, tem servido como instituição perpetuadora do capitalismo e da coisificação do ser humano. Paulo Freire afirma que o capitalismo é um sistema social que poderia ser descartável, já que não atende aos requisitos básicos do bem estar do homem moderno. Ele também nos expõe uma proposta nova de um sistema educativo voltado para a reflexão pedagógica e para a construção de uma teoria e prática social em concomitância com a realidade humana e possível. Valorizando o diálogo e assumindo um engajamento perante a realidade é que se torna possível a consciência das condições do ser humano na comunidade. Contudo, se faz necessário a tentativa, mesmo que não seja por completo, de possíveis compreensões a respeito do mundo, ou seja, considerando que na relação educativa o educando e o professor também têm um modo de pensar o mundo, é que consiste o desafio de tentar entender esse modo de ver o mundo para a reflexão crítica da realidade, alargando assim a própria visão do ser enquanto professor e aluno, membros de um pacto social tácito.

É partindo da consciência que o ser humano é um ser inacabado por natureza, que podemos refletir em uma abertura para a compreensão da realidade social, tanto no que diz respeito aos docentes, como no que diz respeito aos discentes, no intuito de uma tentativa

---

tão viva, independente,
que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoas
tão minhas que no rosto se espelhavam,
e cada gesto, cada olhar, cada vinco da roupa
resumia uma estética?
Hoje sou costurado, sou tecido,
sou gravado de forma universal,
saio da estamparia, não de casa,
da vitrina me tiram, recolocam,
objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo de outros
objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é coisa
Eu sou a coisa, coisante.
ANDRADE, C. Drummond. Corpo. Rio de Janeiro: Record, 1984.

de vinculação entre os saberes práticos e teóricos. O ser pensante não é uma máquina e, apesar de na modernidade o papel de um intelectual ser colocado na esfera da extrema racionalidade, Paulo Freire defende uma perspectiva segundo a qual o conhecimento não está dado separadamente dos sentimentos ou da afetividade, assim somos levados a pensar que na relação do ensino aprendizagem.

Expostas algumas questões para pensarmos numa reflexão da antropologia da educação através destes pensadores, Bronislaw Mainowiski e Paulo Freire, podemos prosseguir na tentativa de estabelecer um diálogo entre eles no intuito da construção de uma concepção educacional com auxílio do ponto de vista das ciências antropológicas.

4 DIÁLOGO E CONCLUSÃO: POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS ANTROPOLÓGICAS, ENTRE BRONISLAW MALINOWSIKI E PAULO FREIRE

Para direcionar colocações para uma possível ponte entre os pensamentos de Malinowiski e Paulo Freire, é necessário constatarmos que para esses dois pensadores a ciência não é simplesmente especulação teórica, mas sim está intrinsecamente ligada à vida prática, para que assim haja um sentido humano para o desenvolvimento de novas formas de pensar e agir no caminho de um melhoramento das condições sociais de existência. Como não só para Paulo Freire, mas também para Malinowiski o processo histórico é permanentemente inacabado e aberto ao novo, pois, na consideração de que as relações verdadeiramente humanas pressupõem em si mesmas abstrações cognoscentes, inesgotáveis momentos de aprendizagem são possíveis. Neste sentido, a valorização do ambiente escolar se faz importante para uma construção do conhecimento humano e a política de valorização do contexto escolar se faz necessária para possibilitar um pensamento reflexivo e prático, no sentido de ir contra as imposições mercadológicas do capitalismo, que aprofunda cada vez mais as misérias e as desigualdades sociais na sociedade brasileira. Assim, inevitavelmente como prosseguimento da idéia de que o conhecimento e o aprendizado não estão separados na teoria e na prática, podemos perceber dentro dos conceitos dos pensadores aqui tratados que, não existe uma separação precisa e dogmática entre “sujeito” e “objeto”, ou seja, no pensamento desses autores, não é concebível a separação exata entre

professores e alunos, para Paulo Freire, ou entre pesquisadores e "nativos", para Malinowski, mas sim a existência de uma relação entre eles, pois o professor não é professor sem o aluno e o aluno não é aluno sem professor. Portanto, a valorização da relação de alteridade possibilita colocarmos sentido social nas pesquisas, onde a necessária pesquisa está posta como contribuição para o melhoramento da sociedade.

O intuito de uma relação entre antropologia e educação é o de possibilitar a reflexão antropológica e das ciências humanas também, dentro do contexto educacional, de modo a possibilitar aos professores, pedagogos e alunos uma relação de conhecimento para a prática e reflexão, tanto através dos olhos dos professores, como através dos olhos dos alunos, corroborando a conscientização e as mudanças de paradigmas construídos sobre as relações de poder capitalistas e de exclusão social.

> [...] a escola tem sido o veículo de projeção de padrões e modelos que impedem o verdadeiro conhecimento, privilegiando um conhecimento dado e assimilado pela ordem institucional, nem sempre percebido pelos agentes sociais que conduzem o processo educativo (Gusmão, 2003, p. 92).

Desse modo, no contexto social moderno, não podemos caminhar na direção de uma educação ingênua voltada apara a transmissão e assimilação de uma educação sem pressupostos reflexivos, pois a pressuposição de uma neutralidade científica já foi superada, colocando assim novas questões a respeito das propostas educativas e saindo da idealização ilusória da igualdade social, já que é uma ilusão criada pela sociedade moderna. Assim, a pressuposição de que todos partem de uma mesma condição social e cultural não deve ser mais considera, visto que, mais do que nunca, temos que levar em consideração a realidade. Conseqüentemente, deve-se lutar pela construção de uma educação com ligações diretas com a realidade e com sua diversidade cultural, embora com o cuidado de não caminharmos para um dogmatismo multicultural e relativo ao extremo.

> Nem a igualdade absoluta, nem a diferença relativa são efetivamente adequadas para compreender e solucionar o problema da diversidade social e cultural. Nisso residem o paradoxo e o desafio de nossas práticas e propostas educativas. [...]

> Nessa medida, a escola, mais que um espaço de socialização, torna-se um espaço de sociabilidades, ou seja, um espaço de encontros e desencontros. (Gusmão, 2003, p. 94).

Assim, faz-se necessário o reconhecimento do processo de aprendizagem como uma relação social e não como uma imposição de conhecimento hierarquizada. O professor não mais deve perceber o aluno como um ser que está simplesmente recebendo informações, mas deve considerá-lo como um ser sociocultural que está em um processo de transformação constante. Portanto, com o sentido de um uso social do conhecimento, ampliando os horizontes no processo de aprendizagem, é possível construir a abertura de um pensamento reflexivo que coloca em movimento o processo de conhecimento humano.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, C. Drummond. Corpo. Rio de Janeiro: Record: 1984.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GUSMÃ O, Neusa M. Antropologia e educação: origens de um diálogo. Cadernos CEDES, n. 43, p. 8-25, 1997.

_____. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃ O, Neusa M. (Org.). Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003. p. 83-105.

MALINOWSKI, Bronislaw C. Argonautas do Pacífico Ocidental. Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

SOUZA, Maurício Rodrigues de. Por uma educação antropológica: comparando as idéias de Bronislaw Malinowski e Paulo Freire. Revista Brasileira de Educação. v.11, n.33, set/dez, 2006.